

DA VIDA À ESCRITA: A ESCRIVIVÊNCIA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Amanda Lorranny Almeida Rocha¹; Ana Maria dos Santos Araújo²; Carlos Vinícius Rodrigues Silva³; Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento⁴

¹ Pós Graduanda do Programa de Pós-Graduação em Metodologias de Ensino e Processos de Aprendizagem (UFRN). Email: amanda.rocha.708@ufrn.edu.br

² Pós Graduanda do Programa de Pós-Graduação em Metodologias de Ensino e Processos de Aprendizagem (UFRN). Email: ana.maria.santos.706@ufrn.edu.br

³ Pós Graduando do Programa de Pós-Graduação em Metodologias de Ensino e Processos de Aprendizagem (UFRN). Email: vinicius.rodrigues.017@ufrn.edu.br

⁴ Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES). Email: ilderlandio.nascimento@ufrn.br

RESUMO: Este artigo tece reflexões sobre a escrevivência como prática educativa no ensino de língua portuguesa no âmbito da educação de jovens e adultos (EJA). Tendo em vista a necessidade de vincular as práticas de leitura e escrita às realidades concretas deste público, o estudo tem como objetivo apresentar uma proposta pedagógica através da Obra “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” da escritora Conceição Evaristo (2011) e a prática da escrevivência para turmas da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, assim como, demonstrar qual o público desta modalidade, refletir sobre sua relevância social e apresentar as relações entre a obra, este público, a escrevivência e o ensino de língua portuguesa. Para isso, o estudo baseou-se em autores como Evaristo (2020), Nunes (2020), Viegas e Moraes (2017), Duarte (2020), Travaglia (2009), Rocha (2024), Zabala (1998) e documentos oficiais como a Constituição Federal Brasileira (1988). O estudo conclui que a proposta pedagógica pode contribuir significativamente para profissionais da EJA e sua atuação sob uma ótica decolonial, antirracista e contextualizada, buscando formar leitores e escritores críticos, que reconheçam a importância de vozes negras, femininas e periféricas na literatura; que mobilizem a escrita como forma de resistência e posicionamento; que valorizem suas vivências e seus saberes; que valorizem produções literárias que dialogam com a realidade brasileira; que reflitam sobre as relações de gênero, raça, etnia, classe e violência e que possam combater as diversas opressões, como o racismo.

Palavras-chave: Escrevivência. Leitura e escrita. Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca apresentar uma proposta pedagógica por meio de uma sequência didática baseada na obra “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”, da escritora Conceição Evaristo (2020). A partir dela, desenvolve-se a prática da escrevivência no ensino de Língua Portuguesa para turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que contribui na ampliação das práticas de leitura e escrita em consonância com as realidades concretas desse público.

Sabe-se que o público da EJA carrega marcas que evidenciam questões como o não

acesso à educação, as desigualdades e as diversas formas de opressão vivenciadas nos múltiplos espaços sociais, inclusive no escolar. Assim, a modalidade constitui-se como um espaço no qual trajetórias interrompidas, experiências silenciadas e histórias marcadas por vulnerabilidades encontram possibilidades de reconstrução. É nesse cenário que a escrevivência, um conceito difundido por Conceição Evaristo (2020), emerge como uma abordagem profundamente alinhada à realidade desse público, pois compreende a escrita como expressão das experiências vividas, individuais e coletivas, sobretudo por sujeitos historicamente marginalizados.

A partir dessa compreensão, o ensino de Língua Portuguesa abre espaço para ampliar as práticas de leitura, interpretação e produção textual, uma vez que a linguagem passa a ser entendida como prática social e como forma de interação situada em contextos históricos, culturais e ideológicos. Dessa maneira, o ensino deixa de se restringir à transmissão de códigos e regras e passa a promover a construção de sentidos que dialogam com as vivências dos aprendizes. A escrita, nesse cenário, torna-se ferramenta de afirmação, ressignificação e resistência, favorecendo o letramento crítico e o fortalecimento da autoestima dos estudantes.

Partindo desses pressupostos, o presente trabalho discute o público da EJA, analisa o conceito de escrevivência e reflete sobre sua aplicabilidade no ensino de Língua Portuguesa. Além disso, o texto organiza-se nas seguintes seções: Introdução, em que se apresentam o artigo, seus objetivos e sua relevância; Desenvolvimento, dividido em cinco tópicos: O Público da Educação de Jovens e Adultos e sua Relevância Social; Escrevivência: da vida à escrita; Tecendo reflexões sobre a obra Insubmissas Lágrimas de Mulheres; A escrevivência no ensino de Língua Portuguesa; e Proposta pedagógica, que exploram exemplos, evidências e interpretações que sustentam a ideia central do estudo. Nessa seção, estabelece-se um diálogo com autores, teorias e referências que fundamentam a reflexão e conectam os pontos essenciais de forma coerente e progressiva. Por fim, na seção de Conclusão, são apresentadas as considerações finais sobre a proposta desenvolvida.

DESENVOLVIMENTO

2.1 O Público da Educação de Jovens e Adultos e sua Relevância Social

O público da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é composto, em sua maioria, por pessoas que, por diferentes razões, não tiveram acesso à escolarização na idade certa ou não

conseguiram permanecer na escola quando criança. Este público quando retorna ao ambiente escolar sente dificuldades em se ambientar ou até mesmo de se relacionar com pessoas mais jovens.

Nesse sentido, na Constituição Federal de 1988, existe um reconhecimento desse direito ao afirmar, em seus artigos 205 e 208, que a educação deve ser assegurada a todos, inclusive àqueles que não tiveram oportunidade durante a infância e a adolescência. Na Lei de Bases e Diretrizes (Lei nº 9.394/1996), em seus Artigos 4º, VII, e 37, ocorre um reforço a essa garantia ao orientar a organização da modalidade.

Historicamente, os sujeitos da EJA foram marginalizados e excluídos do sistema regular de ensino, especialmente pelas barreiras impostas às classes populares. Isso, por se tratarem, em grande parte, de indivíduos que não concluíram o Ensino Fundamental ou o Ensino Médio na idade própria e que retomam seus estudos em uma etapa posterior da vida.

Sendo assim, a EJA é uma modalidade que ultrapassa o simples preenchimento de lacunas escolares, como alfabetização e conclusão de etapas. Buscando promover o desenvolvimento humano integral e possibilitar a participação plena dos sujeitos na vida social, política, econômica e cultural.

No que se refere ao ponto de vista psicossocial e pedagógico, ela desempenha um papel fundamental na superação do histórico de fracasso escolar, muitas vezes injustamente atribuído a fatores individuais, e não ao contexto adverso vivenciado pelos sujeitos. Nesse sentido, a modalidade deve promover resiliência, compreendida como o equilíbrio entre fatores de risco e fatores protetores presentes na trajetória de vida.

Desse modo, a EJA se consolida como um espaço de reconstrução de vidas, fortalecendo a autoestima, a autonomia e o reconhecimento social dos sujeitos. É também uma modalidade essencial para a efetivação do direito à educação ao longo da vida.

Dentro dessa modalidade, um dos elementos principais para uma aprendizagem transformadora é o desenvolvimento da leitura e da escrita, pois essas competências são cruciais para o crescimento pessoal e social dos estudantes. Nesse sentido, o avanço na leitura e na escrita amplia a consciência do adulto, que já é um ser pensante, profissional e atuante. Assim, ler e escrever representa a possibilidade de acessar o mundo, de expressá-lo e de interagir com o conhecimento e com os demais seres humanos.

Diante disso, a utilização de gêneros textuais significativos para suas vidas torna-se fundamental, pois traz sentido às aprendizagens. Sendo assim, a escrevivência na EJA configura-se como um método que prioriza a voz e a história de vida dos estudantes, garantindo que suas trajetórias, desafios e superações sejam o foco da construção do

conhecimento. Dessa forma, alinha-se à necessidade de reconhecer as particularidades e respeitar o percurso de vida desses adultos.

2.2 Escrivivência: Da vida à escrita

O termo escrevivência foi cunhado e difundido pela escritora e pesquisadora Conceição Evaristo e representa a escrita a partir das experiências vividas dos indivíduos, especialmente de pessoas negras. Essa prática realça a vida, os saberes, costumes e experiências, através da escrita, de indivíduos que foram marginalizados ao longo do tempo, expressando-se como uma produção decolonial. Nunes (2020), ressalta que a escrevivência traz:

Um mundo de olhares e vivências, principalmente das mulheres negras e indígenas, colocado à margem pela cultura hegemônica eurocêntrica, patriarcal e racista imposta aos povos originários e afrodiáspóricos desde que seus pretensos “descobridores” chegaram a este país de cultura ancestral, insistentemente negada e corrompida. (NUNES, 2020. p. 13).

Portanto, é nesse contexto de decolonialidade que Conceição Evaristo aborda a concepção de escrevivência, desfazendo a imagem do passado, integralmente eurocêntrica, de que a voz e a escrita não pertencem ao povo negro e especialmente, às mulheres negras.

Além disso, Evaristo salienta a importância que a escrevivência tem ao enaltecer as vivências dos povos afro-brasileiros, reafirmando a ancestralidade e a origem africana, inserindo no mundo, as histórias e vidas que são desconsideradas. Desse modo, a autora também define a escrevivência como:

[...] uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida [...] Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo (EVARISTO, 2020, p. 35).

Portanto, a escrevivência está na sua capacidade de não se voltar para abstrações, mas para a existência concreta, ou seja, é uma escrita que nasce do mundo-vida, ancorada nas experiências reais de quem escreve. A escrita, nesse sentido, não surge como contemplação, mas como inquietação, como uma necessidade de romper com o estado das coisas a partir da experiência vivida e da observação crítica do entorno.

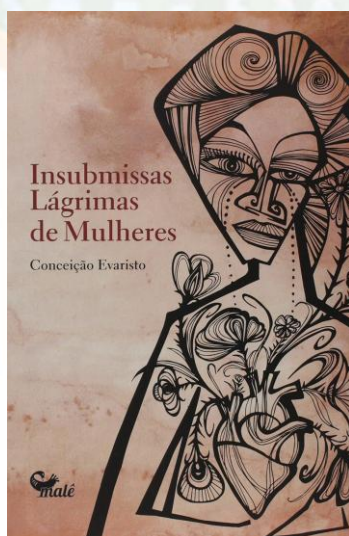
Sendo assim, percebemos que a prática de escrever, está atrelada intrinsecamente a uma história coletiva, pois, geralmente, as pessoas não se constroem sozinhas, mas em relação com o outro, e ao escrever sobre nossas experiências, simultaneamente escrevemos sobre

nossas relações e experiências com os outros sujeitos. Por isso, a autora enfatiza que essa prática não é uma escrita narcísica, mas sim, uma escrita marcada pela coletividade.

2.3 Tecendo reflexões sobre a obra “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”

Insubmissas Lágrimas de Mulheres é uma obra da escritora Conceição Evaristo, produzida em 2011. O livro é composto por uma coletânea de treze contos e possui no seu âmago a escrevivência, a escrita fruto das vivências de mulheres negras, as quais foram entrevistadas pela própria Evaristo. As histórias são marcadas por episódios de racismo, violência e desafios, mas também de superação, trazendo a vida dessas mulheres para a escrita. “Em Insubmissas, as mulheres viveram histórias de dores, de sofrimentos, mas, quando estão conversando com a entrevistadora, já se potencializaram para poder contar histórias de sucessos.” (EVARISTO, 2020, p. 43).

Figura 1 - Capa do livro “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”



Fonte: Livro “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”, 2ªEd (Evaristo, 2016)

A capa do livro faz referência às mulheres protagonistas das narrativas através da figura de uma mulher com lágrimas em seu olhos que simbolizam a luta, dor e resistência dessas mulheres e um coração que floresce em meios aos desafios, à dor e às insubmissas lágrimas, simbolizando o crescimento, força e renascimento. Segundo Evaristo (2020), o título da obra não é inocente. “Insubmissas” marca a autoria de uma mulher negra e traz um trabalho amalgamado na subjetividade. De acordo com Duarte (2020) a obra é:

[...] livro em que os personagens masculinos estão em segundo plano, atuando como antagonistas ou coadjuvantes. Já de início, Conceição Evaristo adota a proposta de

“narrar de dentro” do problema ao explicitar a visão de mundo subjacente aos enredos. [...] Sob a moldura do testemunho, os treze contos do livro trazem em seus títulos nomes de mulheres, a “relatar” histórias de ternura e afeto em meio a climas que evoluem da violência simbólica à física (BOURDIEU, 1984). (DUARTE, 2020, p.86).

Nesse viés, é possível perceber que a escrevivência presente na obra é estritamente de mulheres negras, que atuam como protagonistas e que compartilham lágrimas e vivências marcadas pela violência simbólica e física, que foram silenciadas ou desconsideradas ao longo do tempo, como também experiências de força e renascimento em meio às dores.

Nesse sentido, um ponto-chave da obra é o seu poder de conectar os leitores, de maneira intensa e objetiva às histórias, sempre com a sensação de que conhecemos ou que já ouvimos um relato parecido aos narrados, fruto da sagacidade de escrita da escritora Conceição Evaristo, que, por meio da escrevivência, oferece uma leitura fluida e acessível ao público.

A capacidade de utilizar a licença poética ao abordar temas sensíveis também é um dos elementos que tornam o livro tão visceral e real. Ela consegue dar voz às mulheres que, ao narrarem suas vidas marcadas pela opressão patriarcal e social, revelam atos radicais de sobrevivência, autocriação e construção de uma solidariedade feminina essencial para a redenção pessoal e histórica.

Desse modo, a obra se torna extremamente interessante para ser trabalhada com o público da EJA ao tratar de temas tão atuais como violência física e simbólica, racismo, trabalho doméstico, o patriarcado, além de refletir sobre as memórias individuais e coletivas, solidariedade e histórias reais.

Além disso, vale ressaltar que os alunos da EJA carregam trajetórias marcadas por trabalho, maternidade precoce, racismo, desigualdade, violência, migração e luta diária, portanto, a obra permite aproximar a leitura e a escrita às realidades desses estudantes, permitindo que o processo de alfabetização e letramento ocorra de maneira contextualizada.

A obra de Evaristo e o trabalho com a escrevivência também permitem uma prática pedagógica sob uma perspectiva decolonial e antirracista, descentralizando o saber, resgatando o protagonismo de sujeitos antes marginalizados, promovendo combate ao racismo, trazendo representatividade negra, fortalecendo identidade e autoestima.

2.4 A escrevivência no ensino de Língua Portuguesa

As concepções de linguagem variam de acordo com as práticas docentes, todavia,

Travaglia (2009) discorre sobre três possibilidades predominantes, sendo elas: a linguagem como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma ou processo de interação. Ao que compete a segunda concepção, Travaglia (2009, p. 22) apresenta que “[...] a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor”, assim sendo, o uso desses códigos constitui um sistema simbólico que possibilita aos falantes comunicar e expressar mensagens de forma objetiva, garantindo que o conteúdo emitido pelo locutor possa ser compreendido pelo interlocutor.

Nesse viés, destaca-se a concepção de linguagem como interação, a qual evidencia que o uso da língua não se limita à transmissão de mensagens, mas envolve relações sociais, posições discursivas e construções simbólicas que atravessam os sujeitos, configurando a linguagem como um espaço dinâmico de trocas, significações e disputas de sentidos. Nesse contexto, a linguagem assume papel fundamental na formação identitária, colaborando para a construção, circulação e valorização de narrativas diversas. Assim, o ambiente escolar torna-se também um espaço de escuta e acolhimento, capaz de dar visibilidade às vozes e experiências muitas vezes silenciadas ou apagadas ao longo do tempo.

Nesse horizonte, a escrevivência é entendida como uma autoria que surge das margens e move o que historicamente foi posto no centro e legitimado, assim como afirma Rocha (2024) ao dizer que:

É nessa relação linguagem, pensamento e mundo que pensamos na escrevivência como materialidade significante, que não é tomada apenas como uma atividade de escrita, a saber, uma redação, pois a escrevivência ultrapassa este movimento, já que se coloca numa instância de se fazer ouvir o que antes foi recalcado, sendo um gesto de autoria, de escuta do que antes foi marginalizado e silenciado. (ROCHA, 2024, p. 63)

Dessa maneira, ao adentrar o âmbito educacional, a escrevivência possibilita que os estudantes visitem suas vivências e as transformem em produções literárias permeadas pelo teor político e social que elas carregam. Assim, observamos que o ensino da Língua Portuguesa, ao incorporar as práticas de escrevivência, contribui para a valorização da diversidade de experiências. A escrita deixa de ser um exercício técnico e passa a atuar como ferramenta de resistência, reconstrução, reconhecimento e emancipação.

Ao que compete o ensino de Língua Portuguesa, constata-se que a escrevivência não é tida enquanto um gênero textual, todavia, é um estilo de escrita que ancora-se em diversos gêneros, tais como: contos, poemas, crônicas, cartas, narrativas autobiográficas e relatos de

memória. A partir desse entrelaçamento, a escrevivência ganha força como prática discursiva que rompe com modelos tradicionais de produção textual e abre espaço para que sujeitos historicamente marginalizados escrevam suas percepções de mundo nas materialidades que produzem.

Diante de tal prática discursiva, observa-se a subjetividade que permeia a escrita das narrativas, sendo esse o ponto central das produções, haja vista que destinam-se a relatos pessoais que emergem da experiência de cada autor. Nesse cenário, evidencia-se um diálogo entre a vida, memória e linguagem, no qual a subjetividade se apresenta como um elemento construtivo da escrita. Dessa maneira, compreende-se que processos subjetivos estruturam as formas de expressão e participam diretamente da construção de sentidos que os estudantes atribuem ao ato de narrar.

Martínez e Rey (2017) destacam que a subjetividade permeia toda a vivência humana e interfere diretamente na leitura de mundo dos cidadãos, bem como na conduta social que é adotada pelos próprios, de modo a refletir e expressar suas vivências e particularidades em suas práticas cotidianas, seja no âmbito educacional, familiar ou trabalhista. Compreender o processo educacional para além dos muros das instituições educacionais é fundamental para dar significado às particularidades encontradas em sala de aula, bem como possibilita tornar o conhecimento palpável e significativo para os alunos. Nesse viés, Martínez e Rey (2017) discorrem sobre:

A aprendizagem escolar como processo subjetivo, irredutível a habilidades e processos intelectuais, coloca em primeiro plano a configuração subjetiva da maneira de aprender, na qual participam processos subjetivos de diferentes procedências, expressos nos sentidos subjetivos que são gerados frente ao próprio meio de aprender. (MARTTÍNEZ E REY (2017, p. 129).

A vertente apresentada, da escrita e a aprendizagem como processos subjetivos, favorece práticas pedagógicas sensíveis às histórias e aos repertórios próprios dos alunos, de modo a promover o fortalecimento identitário. De acordo com Martínez e Rey (2017), faz-se necessária a promoção de espaços comunicativos que possibilitem ao estudante construir novos sentidos subjetivos ao longo do processo educativo, constituindo um ambiente acolhedor que fortaleça o sentimento de pertencimento. É diante dessa perspectiva, que apresentamos no próximo item uma proposta pedagógica que vislumbra um processo formativo integral para o público da EJA.

2.5 Proposta pedagógica

Pensando em uma proposta que evidencie a escrevivência dentro do contexto da educação de jovens e adultos, pensamos em uma sequência didática, considerando que a partir dessa estratégia de organização de trabalho, é possível pensar em atividades interligadas de maneira sequencial para chegar a objetivos concretos de aprendizagem em mais de uma aula ou momento. A sequência didática, segundo Zabala (1998, p. 18), é definida como “Um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos”.

Nesse sentido, nossa proposta busca sugerir caminhos para aulas mais significativas, por meio de experiências que contemplem as vivências e os conhecimentos dos alunos, valorizando suas escrevivências e fortalecendo sua voz dentro do processo educativo.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

1. Temáticas abordadas

❖ Escrevivência

2. Objetivo:

- Compreender o conceito de escrevivência;
- Ler, analisar e discutir sobre a obra “Insubmissas Lágrimas de mulheres”;
- Identificar as principais características dos gêneros textuais: cordel, crônica e conto;
- Criar textos literários como crônica, cordel ou conto, de acordo com as experiências vivenciadas ao longo da vida.

3. Público-Alvo: Estudantes da EJA

5º e 6º períodos (Correspondente ao 6º e 7º ano)

4. Habilidades BNCC:

(EF67LP27) Analisar, entre os textos literários e entre estes e outras manifestações artísticas (como cinema, teatro, música, artes visuais e midiáticas), referências explícitas ou implícitas a outros textos, quanto aos temas, personagens e recursos literários e semióticos.

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e

estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.

5. Estratégias Metodológicas:

1º Dia: Apresentação e discussão em grupo

Os alunos realizaram a leitura coletiva do “Aramides Florença” presente no livro “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” e participam de uma roda de conversa para ativar conhecimentos prévios, culminando na construção de uma nuvem de palavras no Mentimeter para introdução do conceito de escrevivência.

2º Dia: A turma é dividida em grupos para leitura, síntese e apresentação de outros contos da obra, com análise dos temas, personagens e marcas da escrevivência.

3º Dia: Será realizada a partilha de vivências pessoais a partir de objetos ou memórias significativas, que servirão de base para a escrita de textos em diferentes gêneros como: cordel, conto ou crônica, os quais serão previamente abordados pelo docente.

4º Dia: Será realizada uma produção textual de escrevivências individuais, conforme o gênero textual pelo qual cada aluno ficou responsável. As produções receberão a correção e orientação do docente durante o processo de escrita e reescrita.

5º Dia: A culminância consistirá na apresentação das escrevivências produzidas pelos alunos e, por fim, na produção de um mural intitulado “Minhas escrevivências”.

6. Avaliação:

A avaliação será processual e formativa, acompanhando o desenvolvimento dos estudantes ao longo das etapas da sequência. Serão considerados aspectos relacionados à participação, interpretação, produção textual, apropriação dos gêneros e compreensão do conceito de escrevivência.

11. Referências bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 3º ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2016.

CONCLUSÃO

A partir das reflexões tecidas ao decorrer deste estudo, evidenciou-se a escrevivência enquanto prática de escrita fundamentada nas experiências concretas dos indivíduos, constituindo-se como um importante instrumento pedagógico no ensino de Língua Portuguesa, sobretudo no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao unir vida e escrita, essa prática de ensino rompe com modelos descontextualizados, de modo a reafirmar o carácter social, político e identitário da linguagem, na qual os educandos assumem o papel de autores das suas próprias narrativas.

A análise da obra “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” de Conceição Evaristo, possibilitou constatar que textos literários oriundos das realidades dos estudantes evocam o sentimento de identificação, pertencimento, protagonismo e reflexões sobre temas pertinentes para a sociedade como: trajetórias de vida, desigualdade social, racismo, relações de gênero, violências. Tais elementos se conectam com a história de vida do público da EJA, o qual carrega histórias de exclusão escolar, luta, maternidade/paternidade precoce, entre inúmeras outras responsabilidades.

Portanto, ao reconhecer a vertente emancipatória e reparadora da EJA, a escrevivência afirma-se como prática pedagógica que legitima saberes, fortalece identidades e amplia o sentido social da linguagem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer CNE/CEB nº 11/2000, de 10 de maio de 2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Homologado pelo Despacho do Ministro em 7 jun. 2000, publicado no Diário Oficial da União em 9 jun. 2000, Seção 1-E, p. 15.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Relatório anual socioeconômico da mulher: RASEAM**. Ano 7, mar. 2025. Brasília: Ministério das Mulheres, Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, 2025.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Escrivivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiáspórica**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjáns; REY, Fernando Gonzáles. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica**. São Paulo: Cortez, 2017.

NUNES, Isabella Rosado. **Sobre o que nos move, sobre a vida**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ROCHA, Larissa da Silva Carneiro. **Escrivivências na educação de jovens e adultos (EJA): uma escuta discursiva de mulheres que regressam à escola**. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2024.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIEGAS, A. C. C.; MORAES, M. C. S. de. **Um convite ao retorno: relevâncias no histórico da EJA no Brasil**. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, p. 456–478, 2017. DOI: 10.21723/riaee.v12.n1.7927. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8321>. Acesso em: 7 dez. 2025.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.